

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História
Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado
Patrimônio Histórico-Cultural

1978: um ano, muitos tempos

O “novo” sindicalismo na coleção imprensa alternativa e sindical do Centro de Documentação Social (CDS-NPH): exposição e instrumento de pesquisa

Iuri Bauler Pereira

Orientador: Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt

Dezembro de 2008

Agradecimentos

Ao professor Benito Bisso Schmidt, pela orientação segura, generosa e instigante, só possível para alguém que é capaz de falar de acervos, exposições e teorias da história com a mesma propriedade. E, principalmente, pela paciência (enorme!) com um orientando incorrigivelmente indisciplinado.

Às professoras Carla Rodeghero e Clarice Esperança, por gentilmente aceitarem fazer parte da banca examinadora.

À equipe do Centro de Documentação Social (CDS) – Marcus, Geórgia, Diego, Lizete, Clarice – pois sem eles esta exposição não seria possível. Parabéns ao “nosso” trabalho e pelo companheirismo.

Aos “colegas” do Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho, pelo ambiente acolhedor e as dicas sobre arquivologia. Em especial à diretora Karine Georg Dressler, pela tolerância e compreensão neste momento conturbado.

Ao colega e grande amigo Vicente Pithan Burzlaff, que dividiu comigo os desesperos e frustrações de realizar um TCC, seja sobre pichação em Porto Alegre ou sindicalismo em 1978.

Ao “irmão” Pedro Bosak Guazzelli, pelo auxílio abnegado e inspirador na elaboração da versão digital desta exposição.

Aos “parceiros” Marcus Bonugli e Lucas Martins de Mello, pelo auxílio com as fotografias.

À Renata, por todo apoio, carinho e compreensão.

Aos meus pais, todos eles – Silvia, Olyntho, Laco e Lyly – que acreditaram no “novo” e são, sem dúvida, os grandes interlocutores deste trabalho.

Obrigado!

Resumo

O presente trabalho consiste na elaboração de uma exposição, baseada na coleção *imprensa alternativa e sindical* do Centro de Documentação Social (CDS), e na organização de um instrumento de pesquisa a partir das fontes utilizadas nesta mostra. A exposição aborda a representação do “novo” sindicalismo na imprensa alternativa e sindical, tendo como marco temporal o ano de 1978, considerado como o momento de irrupção desta “nova” forma de mobilização e organização político-social. O foco desta abordagem é destacar a articulação discursiva de categorias histórico-temporais como *novidade* e *ruptura* na definição e interpretação deste momento específico dos movimentos sociais e da esquerda no Brasil. A organização do instrumento de pesquisa procura destacar a relação entre a exposição e o acervo do CDS e, deste modo, divulgá-lo através da reflexão sobre uma de suas coleções de documentos.

Palavras-chave: novo sindicalismo, 1978, imprensa alternativa, temporalidade, acervo, Centro de Documentação Social

Sumário

1. Apresentação.....	5
1.1. Muitos tempos, muitos textos.....	6
1.2. O “velho” e o “novo”	9
1.3. O Acervo do CDS.....	12
2. Roteiro da exposição.....	14
3. Instrumento de Pesquisa.....	29
4. Bibliografia.....	40

1. Apresentação

A proposta deste trabalho é abordar, através de uma exposição organizada a partir da coleção *imprensa alternativa e sindical* do Centro de Documentação Social (CDS), a **representação do “novo” sindicalismo em 1978 nesta imprensa**, tendo como foco as categorias históricas relacionadas com o discurso de “novidade” e “ruptura” que marcou a definição e interpretação deste momento específico dos movimentos sociais e da esquerda no Brasil. Assim, procurei questionar de que forma tal imprensa representou o “novo” sindicalismo, suas práticas e personagens; e como foi articulada a noção de ‘novidade’ ou ‘ruptura’. Visando complementar o conteúdo da exposição e dotá-la de um aparato instrumental para divulgação do acervo, organizei um instrumento de pesquisa, onde apresento com maior detalhamento os jornais utilizados.

O presente trabalho conjuga diversos interesses e experiências com as quais me envolvi durante o curso de graduação: os debates teóricos sobre representações, temporalidades, memória e discurso no âmbito específico da teoria da história; o “gosto” pela intervenção e concepção artística e/ou visual, com museus e fotografia; e a pesquisa documental, integrada com o projeto *Preservando a memória sindical e dos movimentos sociais: organização e disponibilização do acervo do antigo Centro de Documentação Social CDS¹*, no qual fui bolsista. Além disso, e de forma mais abrangente, a concepção e realização de uma exposição articula alguns dos principais aspectos do ofício de historiador: a reflexão teórico-metodológica, a pesquisa documental e a representação narrativa.

Neste caso específico, outra relação deve ser destacada: ao organizar uma exposição a partir de um acervo documental, e organizá-la segundo um questionamento teórico relacionado com a problemática da memória e da representação do passado, ressalta-se a aproximação, cada vez mais necessária, entre arquivos, museus (ou espaços expositivos) e debate historiográfico.

O historiador francês Jacques Le Goff ressalta que o arquivo - assim como um museu, eu acrescentaria - é constituído a partir de disputas, relações de força e interesses de perpetuação (e memorialização) historicamente constituídas, e que buscam legitimar ou preservar uma determinada representação social, cristalizada como memória coletiva². Esta aproximação entre arquivo e museu

¹Projeto contemplado no Concurso de Projetos Memória do Trabalho no Brasil, integrante do Programa Memória do Trabalho no Brasil, desenvolvido pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), com o patrocínio da Petrobras e apoio institucional do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). O projeto, em fase de finalização, visa a organização de parte do acervo do antigo Centro de Documentação Social (CDS) e sua disponibilização ao público no Núcleo de Pesquisa Histórica (NPH) do IFCH/UFRGS. O referido acervo reúne documentação sobre movimentos sociais, partidos de esquerda e sindicalismo, especialmente das décadas de 1970 e 1980, com destaque para o contexto do Rio Grande do Sul, mas abarcando também fontes referentes a outros estados e mesmo a outros países. O projeto é coordenado pelo Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt e nele atuam também os pesquisadores Lizete Kummer e Clarice Esperança, e os bolsistas Diego Scherer da Silva, Georgia Manfroi Pinto e Marcus Bonugli.

²LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: **História e memória**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990. Para uma abordagem mais geral sobre a constituição dos arquivos e sua relação com o poder ver FUGUERAS, Ramón Alberch &

permite pensar que é também papel do historiador questionar, assim como o faz com a informação arquivada ou elaborada a partir dos documentos de um arquivo, a constituição deste discurso do museu (ou exposição) “identitário”, sempre referente a um determinado grupo social; e a própria atividade expositiva apresenta-se como linguagem privilegiada para esta prática de desnaturalização³.

Esta exposição tem, assim, como um de seus eixos centrais uma perspectiva desnaturalizadora. Ao abordar os diversos discursos jornalísticos – textuais e imagéticos - constituídos no calor das experiências sindicais de 1978, busquei destacar a construção destas representações e sua articulação com uma determinada noção de tempo. Para refazer este caminho, sem perder-me em um labirinto de explicações ideológicas contemporâneas às experiências, e especialmente atrativas para a constituição de uma explicação tentadoramente conclusiva sobre o movimento, e podendo, pelo contrário, dar voz às múltiplas interpretações e intertextualidades presentes em um acervo de imprensa, foi necessário um “fio condutor”; como um novelo no labirinto do Minotauro, a velha “questão”, senhora da escrita histórica desde Lucien Febvre⁴, mostrou-se fundamental para a conclusão deste trabalho, e para a composição narrativa da exposição realizada. Segundo Ulpiano Bezerra de Meneses, uma exposição, assim como uma narrativa historiográfica, organiza-se a partir de uma questão ou problemática específica, que deve ser respondida ou tematizada na trajetória elaborada para o espectador⁵.

1.1 Muitos tempos, muitos textos

É importante ressaltar que este trabalho não foi organizado utilizando como referente a “realidade” das experiências de 1978. O que me interessou foi a possibilidade de articular não só discursos sobre o novo sindicalismo, como também temporalidades encetadas por esses discursos. Como estratos de tempo diferentes, com durações, origens e significados também diversos, articulam formas de representar um determinado evento de maneira historiográfica e inseri-lo em uma lógica histórica do discurso social?

O historiador alemão Reinhart Koselleck, em seus estudos sobre a formação do moderno conceito de História, apresenta uma série de reflexões que estão no cerne da elaboração desta exposição-questionamento que pretendi realizar.

MUNDET, José Ramón Cruz. **Archívese!** Los documentos del poder, el poder de los documentos. Madrid: Alianza, 1999.

³MENESES, Ulpiano Bezerra de. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). Anais do Museu Paulista. V.1. São Paulo: Editora da USP, 1993.

⁴Noção resumida na famosa frase de que “toda história é escolha”. FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 3.ª edição, Lisboa: Editorial Presença, 1989. p.19.

⁵MENESES, Ulpiano Bezerra. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. Anais do Museu Paulista. V.2. São Paulo: Editora da USP, 1994.

A formação deste moderno conceito de história é decorrente de uma modificação semântica, motivada pela Revolução Francesa e pelas transformações sociais do fim do século XVIII. Segundo Koselleck, a *história (historie)*, termo utilizado no plural para designar diversas narrativas particulares, desvinculadas entre si, é englobado e substituído pelo coletivo singular *História (Geschichte)*, significando uma seqüência interligada e um sentido comum para todos os acontecimentos históricos, sob a égide de um único conceito transcendente: o *progresso*⁶. É a partir do advento da história-progresso que Koselleck vai abordar a constituição de uma dinâmica de constituição do tempo histórico, e da aparente aceleração deste no mundo contemporâneo.

Segundo ele, o tempo histórico - e sua representação – é constituído a partir da relação assimétrica entre categorias histórico-linguísticas que articulam a experiência e a expectativa, o passado e o futuro. Assim, estas categorias serviriam de guia para a definição dos discursos sociais e históricos de determinada época sobre si mesma, seus planejamentos, suas noções de novidade e herança, bem como de concepções como “revolução”, “fazer história”, “movimento” e “transformação”⁷. Segundo o autor alemão, a “gênese do conceito moderno de história coincide com sua função política e social”⁸, e a noção de tempo histórico torna-se condição de possibilidade para a elaboração de discursos políticos e sociais a partir do século XIX.

As categorias-chave para entender esta concepção do tempo histórico, segundo Koselleck, são “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, ou seja, o passado apreendido como um conjunto de experiências acumuladas e os futuros possíveis, elaborados a partir da sociedade que os enuncia, respectivamente:

*experiência e expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos do tempo histórico, pois elas entrelaçam passado e futuro. São adequadas também para se tentar descobrir o tempo histórico, pois, enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político*⁹

É na dinâmica entre estas categorias que vão se inserir os discursos políticos de prognóstico, planejamento, progresso, ruptura, obsolescência, herança e novidade.

Na elaboração da exposição, busquei demonstrar essa dinâmica de constituição dos discursos político-sociais a partir de categorias histórico-temporais, sobretudo porque o “novo” sindicalismo se institui através de um discurso de ruptura com o passado, e em um momento histórico específico. Assim, o “campo de experiência” das práticas sindicais e manifestações políticas está representado – positiva e negativamente – através do “velho” sindicalismo, dos pelegos, da estrutura sindical, da ditadura militar, de 1968 e das greves de Osasco e Contagem¹⁰.

⁶KOSELLECK, Reinhardt. **Futuro Passado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006; KOSELLECK, Reinhardt. **historia/Historia**. Madrid: Minima Trotta, 2004.

⁷Ver KOSELLECK, Reinhardt. **Futuro Passado**. Op. Cit. Capítulos 3, 4, 11 e 13.

⁸KOSELLECK, Reinhardt. **historia/Historia**. Op. Cit. p.107.

⁹KOSELLECK, Reinhardt. **Futuro Passado**. Op. Cit. p.308.

¹⁰Ver roteiro da exposição: quadros 4, 5, 8, 9.

Esta experiência está relacionada aos aspectos constitutivos do “horizonte de expectativa” que era constantemente articulado na idéia de ruptura com o passado: o “novo” sindicalismo, o fim da “velha” estrutura sindical, o fim da ditadura e a criação de um novo partido de esquerda¹¹.

É importante ressaltar, contudo, que esta relação direta entre experiência e expectativa não se constitui como forma única ou hegemônica de representação do tempo histórico. Koselleck afirma a existência conceitual não de um único tempo, mas de diversos “estratos de tempo”, em uma analogia geológica com a estratificação do solo. Segundo esta noção, cada estrato tem seu ritmo e sua duração, bem como sua articulação de categorias histórico-temporais¹². Assim, diversos grupos sociais e organizações políticas produzem discursos históricos à sua maneira, bem como eventos são articulados temporalmente de formas diferentes, porque mobilizam experiências e expectativas específicas. O “novo” sindicalismo articula, por exemplo, tempos de durações variadas como a ditadura militar – a partir de 1964 - e o “velho” sindicalismo – iniciado na era Vargas – enquanto partes de seu “campo de experiência negativo” que fundamenta seu discurso de ruptura.

O ano de 1978 apresenta-se como um objeto privilegiado para esta perspectiva de análise, pelas especificidades de seu momento político e do contexto de produção dos seus discursos. A relativa abertura política, um abrandamento das ações do aparato repressivo e o fim da censura prévia nos jornais modificou a possibilidade de constituição dos discursos na imprensa alternativa. Não pretendo aqui afirmar que não havia controle sobre esta produção textual, mas que existia mais espaço para a abordagem destes temas, visto que parte deles estava sendo tratado igualmente pela grande imprensa, em um processo que se constituirá como o auge e o fim da imprensa alternativa, como abordaremos a seguir.

É necessário ressaltar, contudo, que não há *um discurso* da imprensa alternativa, uma visão única ou homogênea sobre o “novo” sindicalismo, pois tanto os jornais quanto os movimentos políticos - que muitas vezes estão envolvidos na redação destes periódicos - divergem quanto às práticas e perspectivas de oposição ao regime militar. Também é preciso destacar que existiam conflitos internos às redações da imprensa alternativa, resultando muitas vezes na transformação das linhas editoriais destes veículos¹³.

A utilização de discursos jornalísticos (textuais e imagéticos) como documentos, seja para pesquisa ou exposição, demanda um cuidado especial. O texto jornalístico tem suas características específicas, que o aproxima e distancia do texto historiográfico, ao mesmo tempo¹⁴. Ambos guardam relações com um *pacto de verdade*, uma preocupação em reproduzir as informações

¹¹Ver roteiro da exposição: quadros 2, 4, 8, 10.

¹²KOSELLECK, Reinhart. **Estratos del tiempo: estudios sobre la historia**. Barcelona: Paidós, 2001. pp. 35-42.

¹³Como no caso do jornal Versus, editado por um coletivo de jornalistas e militantes, mas que acabou se tornando um veículo da corrente política Convergência Socialista.

¹⁴ESPERANÇA, Clarice Gontarski. Testemunhas ou fontes: relações e desencontros entre jornalistas e historiadores. *Em Questão*: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Porto Alegre, Vol. 12, n. 2 (jul./dez. 2006), pp. 235-251.

recolhidas de suas fontes com verossimilhança. A proximidade das duas *operações* de escrita reside também no recurso do testemunho, que garante através da *autópsia* (a ação legitimadora do “eu vi” ou “eu ouvi”) a veracidade do relato¹⁵. Contudo, não se pode tomar o texto jornalístico como um testemunho-em-si, pois ele é produto de uma prática, a qual temos somente acesso pelo resultado final; sendo assim, qualquer conclusão acerca da intencionalidade dos sujeitos envolvidos em sua produção seria uma busca incerta¹⁶. Dessa forma, o texto jornalístico será tratado como um dos discursos produzidos acerca do período abordado na exposição.

Para analisar as imagens dos jornais utilizados é necessário refletir, de igual maneira, sobre o uso da fotografia como documento histórico¹⁷. Boris Kossoy defende que existe *uma realidade própria da imagem*, que não corresponde diretamente à realidade do assunto fotografado, mas que goza de uma credibilidade perante seus espectadores¹⁸. Esta dimensão própria da imagem, e mais especificamente da fotografia, pode ser abordada de diversas formas. Contudo, não seria proveitoso adentrar neste debate devido à sua extensão, pois a proposta aqui centra-se nos *discursos* elaborados pela imprensa alternativa.

Optei, portanto, pela análise de Roland Barthes, que define a fotografia como uma mensagem que não transmite a realidade, mas seu *analogon*, um discurso produzido e recebido, e que é passível de ser analisado dentro de um código cultural e histórico, que verbaliza a imagem para transcrevê-la. Desta forma, torna-se possível articular, em um mesmo plano narrativo, tanto as imagens quanto os textos jornalísticos, e interpretá-los a partir de uma perspectiva historiográfica¹⁹. Isso não significa que todas as formas de expressão sejam assumidas como equivalentes, mas sim como interdependentes e relacionáveis, visto que, no caso do jornalismo, – e mesmo do humor ou da charge – a busca por uma marca de verdade, que o relacione com a “realidade”, é comum a todos estes discursos.

1.2 O “velho” e o “novo”

O ano de 1978 é configurado na historiografia e nos discursos da esquerda como um momento de irrupção de uma série de movimentos sociais no Brasil, dentro de um contexto de

¹⁵HARTOG, François. A testemunha e o historiador. In: PESAVENTO, Sandra (org). **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

¹⁶BAXANDALL, Michael. **Padrões de Intenção**: a explicação histórica dos quadros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

¹⁷Uma boa introdução para este debate encontra-se em BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

¹⁸ KOSSOY, Boris. Estética, memória e ideologia fotográfica. Decifrando a realidade interior das imagens do passado. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*. Vol.6, n.1-2 (jan/dez. 1993). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1993.

¹⁹BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989; para uma discussão inicial sobre os métodos de análise da imagem, ver, entre muitos outros: CARDOSO, Ciro Flamarion & MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

questionamento da ditadura militar iniciada com o golpe de 1964: o movimento grevista do ABC, símbolo do “novo sindicalismo”; a campanha da Anistia; a formação de um campo democrático de oposição, congregando diversos grupos sociais e instituições; e a pressão em torno da “eleição” presidencial²⁰.

De maneira geral, este momento é definido por uma rearticulação da oposição ao regime. Neste sentido, a historiografia concede especial importância ao surgimento do “novo sindicalismo”, um momento de crescimento das lutas dos trabalhadores, de redefinição de identidades operárias, de reelaboração das práticas e discursos sindicais. Tendo como marco principal a grande greve de maio, ocorrida no ABC paulista, esta “nova” forma de luta e reivindicação dos trabalhadores foi fundamental para a trajetória posterior da esquerda brasileira, por ter lançado as bases para a organização do Partido dos Trabalhadores (PT), constituído em 1979, e da Central Única dos Trabalhadores (CUT), criada em 1983. Alguns de seus líderes hoje têm um papel de destaque na grande cena política brasileira e no governo federal, como o Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva.

O “novo sindicalismo” se caracterizaria pelo distanciamento com os métodos e políticas do movimento sindical pré-1964, baseando-se na ampla atividade grevista e mobilizadora das “bases”, e na promessa de uma ruptura com as estruturas corporativistas do Estado elaboradas no pós-1930. Tal modelo de atuação sindical se manteria no decorrer dos anos 1980, e seria objeto de variados estudos acadêmicos que buscaram refletir sobre sua natureza e seus rumos²¹. Um destes autores, Ricardo Antunes, é exemplar para esta interpretação do significado de 1978:

Pode-se dizer que, no período que se abriu com o vigoroso movimento grevista do ABC paulista, em maio de 1978, até o fim da década de oitenta, inúmeras transformações ocorreram: a retomada de ações grevistas, a explosão do sindicalismo dos assalariados médios e do setor de serviços, o avanço do sindicalismo rural, o nascimento das centrais sindicais, o aumento de índices de sindicalização [...] ²²

Eder Sader, por sua vez, destaca o “alargamento do espaço da política” operado pelos movimentos sociais naquele contexto; a atuação marcante de “novos atores”, que passaram a ocupar o espaço público; e a emergência de “novos discursos” da parte destes agentes:

A novidade eclodida em 1978 foi primeiramente enunciada sob a forma de imagens, narrativas e análises referindo-se a grupos populares os mais diversos que

²⁰ MOREIRA ALVES, Maria Helena. **Estado e oposição no Brasil (1964-1985)**. Bauru: Edusc, 2005

²¹Ver: FREDERICO, Celso. **A esquerda e o movimento operário 1964-1984**: vol. 3, A Reconstrução. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991; SILVA, André Luis Corrêa da. **"João Ferrador na República de São Bernardo"** : o impacto do "novo" movimento sindical do ABC paulista no processo de transição democrática (1977-1980). UFRGS, Dissertação de mestrado, 2006; VIANNA, Luiz Werneck. **A classe operária e a Abertura**. São Paulo: Cerifa, 1983.

²²ANTUNES, Ricardo. **O novo sindicalismo no Brasil**. Campinas: Pontes, 1995. Ver também ANTUNES, Ricardo. **A rebeldia do trabalho**: o confronto operário no ABC paulista : as greves de 1978-80. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1988.

irrompiam na cena pública reivindicando seus direitos, a começar pelo primeiro, pelo direito de reivindicar direitos. O impacto dos movimentos sociais de 1978 levou a uma revalorização de práticas sociais presentes no cotidiano popular, ofuscadas pelas modalidades dominantes de sua representação.²³

Essas interpretações que destacam a “novidade” dos movimentos de 1978 passaram a ser questionadas posteriormente, por trabalhos como o de Marcelo Badaró Mattos, que ressalta algumas continuidades importantes entre o “velho” e o “novo” sindicalismo, apesar dos discursos de ruptura e renovação²⁴. Fica evidente que, na construção deste discurso da ruptura e da novidade, atuaram veículos de informação envolvidos com a discussão dessas questões, os quais fazem parte da chamada imprensa alternativa, fundamental para as atividades da esquerda no período²⁵.

A imprensa alternativa, ou “nanica”, é um dos elementos mais marcantes do ambiente editorial e de manifestação de esquerda durante a ditadura militar brasileira. Caracterizada pela tiragem limitada, pelo econômico formato tablóide e, principalmente, pelas temáticas abordadas e formação do corpo editorial, tal modelo de imprensa se desenvolveu com o crescente fechamento do campo – e interesses – de atuação da dita “grande imprensa” no decorrer do regime. Em geral formada por jornalistas que perderam espaço nos veículos “tradicionais” e/ou por grupos de esquerda, estes jornais tiveram, normalmente, uma vida curta, passando por inúmeras dificuldades financeiras e perseguições políticas, bem como por tensões internas²⁶.

A trajetória desta imprensa, sobretudo até 1977, confunde-se com a própria esquerda, muitas vezes servindo de principal veículo de debate e propaganda para os movimentos de oposição ao regime - como a AP, a Polop, o MR-8, entre outros²⁷ – bem como de divulgação da chamada “cultura de esquerda”²⁸. A imprensa alternativa desempenhou, neste contexto, um papel fundamental como “espaço de reorganização” da esquerda e dos movimentos de contestação ao regime, após um longo período de repressão e desarticulação.

O ano de 1978 apresenta uma dupla importância para a compreensão desta imprensa alternativa: se, por um lado, ela é fundamental para a divulgação, debate e mobilização dos movimentos sociais, em especial o ‘novo sindicalismo’, é também neste ano que começa o seu declínio. Tal declínio está relacionado com a absorção, pela grande imprensa, de pautas, posições e jornalistas envolvidos nestes periódicos “nanicos”, motivada pelo processo de Abertura, bem como por uma atuação mais direta da Associação Brasileira de Imprensa na oposição ao regime. Seu

²³SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

²⁴MATTOS, Marcelo Badaró. **Novos e velhos sindicalismos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998.

²⁵Ver ARAÚJO, Sílvia & CARDOSO, Alcinda. **Jornalismo e militância operária**. Curitiba: UFPR, 1992; FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa Operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1988.

²⁶KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Scritta, 1991.

²⁷Para uma caracterização geral destes movimentos, ver, entre outros: GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas**. A esquerda brasileira das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: Ática, 1990.

²⁸AARÃO, Daniel; RIDENTI, Marcelo; et. alli. **O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)**. Bauru: EDUSC, 2004.

modelo de organização e jornalismo, gradativamente apropriado pela grande imprensa, pode ser considerado hoje “quase extinto”²⁹.

Sua atuação nas questões que agitaram 1978, contudo, deve ser destacada. Como afirmado anteriormente, a irrupção e consolidação das mobilizações sociais e seus “novos agentes” passaram invariavelmente pela produção de um discurso, de um significado para aqueles movimentos. É especialmente através destas publicações alternativas que se torna possível observar a enunciação de tais discursos e o impacto destas novas práticas: a diferença do “novo” sindicalismo em relação ao “velho”, seus métodos, agentes e significados; as críticas ao regime e as reivindicações democráticas; a divulgação de uma “cultura de esquerda” ligada a estes grupos. Podemos observar, assim, os discursos produzidos contemporaneamente, e que contribuíram de maneira fundamental para a formação desta “memória” sobre um momento crucial da esquerda brasileira³⁰.

1.3 O Acervo do CDS

A exposição aqui apresentada, além de corresponder a certas exigências analíticas e disciplinares, também é fruto da convergência de interesses pessoais do autor com interesses “institucionais” do centro de documentação ao qual este trabalho está inescapavelmente ligado. O gérmen desta proposta está relacionado à necessidade de divulgação de um acervo recém organizado e disponibilizado à pesquisa.

O CDS foi criado em 1984 pelo sociólogo Antônio Davi Cattani, visando reconstituir, preservar e divulgar a história e a memória do movimento sindical dos trabalhadores urbanos do Rio Grande do Sul. O Centro era ligado ao Instituto de Estudos Sociais, Políticos e Econômicos (IESPE) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), então o principal núcleo de pesquisas e levantamentos sobre o movimento sindical pós-1930 no estado. Desarticulado por pressões externas, o IESPE encerrou suas atividades em 1987, culminando com a transferência do CDS para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob a guarda da Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades (BSCSH).

Em 1993, um incêndio na Biblioteca destruiu parte significativa da documentação. Reconstituído em 1994, o Centro diversificou seu acervo e objetivos, passando a abrigar também materiais referentes a trabalhadores rurais, partidos de esquerda e movimentos sociais variados. Posteriormente, passou por um período de “esquecimento” e, em 2006, foi incorporado ao acervo maior do Núcleo de Pesquisa Histórica (NPH) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS.

²⁹KUCINSKI, Bernardo. Op. Cit.

³⁰SANTANA, Marco Aurélio. Política e História em disputa: o “novo sindicalismo” e a idéia de ruptura com o passado. In: RODRIGUES, Iram Jacome (org.). **O novo sindicalismo – vinte anos depois**. Petrópolis: Vozes, 1999.

O acervo engloba documentos de épocas variadas, mas com ênfase nas décadas de 1970 e 1980, auge do chamado “novo sindicalismo”. Está dividido em quatro grandes coleções: coleção *Imprensa alternativa e sindical*; coleção *Publicações* (folhetos e cartilhas diversas produzidas pelo governo, por entidades de trabalhadores e patronais, por movimentos sociais e por partidos políticos; e textos e trabalhos acadêmicos); coleção *Recortes de jornais*, abordando categorias profissionais e movimentos sociais variados; e coleção *Documentos variados organizados em dossiês* (esta última envolvendo as sub-coleções Partido dos Trabalhadores (PT); Organizações Políticas; Central Única dos Trabalhadores (CUT); Sindicatos e Sindicalismo; Movimentos Sociais; Cartazes e outros materiais de propaganda).

O trabalho aqui apresentado, como já foi dito, corresponde a uma exposição e a um instrumento de pesquisa organizados a partir da coleção *Imprensa alternativa e sindical*, recentemente organizada e catalogada. A referida coleção engloba diversos jornais do período, e alguns dos mais importantes ou influentes no contexto de 1978: Pasquim, Versus, Em Tempo, Coojornal, Movimento, entre outros; bem como boletins e jornais sindicais, em menor número para a época. Tais periódicos formam um panorama abrangente da produção impressa nestes moldes no fim dos anos 1970. A preservação e relativa periodicidade dos jornais datados de 1978 tornam possível a elaboração da exposição, apesar das lacunas nas séries.

A organização da documentação do CDS ainda está em fase final, faltando a elaboração de um organograma definitivo do acervo e a conclusão de um banco de dados, que incluirá o registro de todos os materiais nele contidos e uma ferramenta de busca, com o objetivo de facilitar a pesquisa. Posteriormente, tal ferramenta estará disponível para consulta *online* através do *site* do NPH³¹. A proposta deste trabalho vincula-se, portanto, a este esforço de divulgação e disponibilização do acervo CDS, procurando fazê-lo a partir de uma reflexão calcada em uma de suas coleções.

³¹ Endereço eletrônico www.ufrgs.br/nph,

2. Roteiro da exposição

Apresento, a seguir, o roteiro da exposição “**1978: um ano, muitos tempos**”, organizada a partir da coleção *imprensa alternativa e sindical* do CDS/NPH. A versão original desta exposição foi projetada para ser exibida na Galeria *Olho Nu* (IFCH, UFRGS. Av. Bento Gonçalves, 9500, Agronomia, Porto Alegre-RS), disposta em 8 quadros de 80cm x 80cm e 4 quadros de 50cm x 80cm, durante o mês de dezembro de 2008³²

Os jornais foram fotografados, sem a utilização de flash ou outra forma prejudicial de exposição luminosa, e digitalizados para tratamento (ajuste de saturação, contraste, tonalidade). Foram evitadas quaisquer alterações no texto e nas imagens dos documentos, incluindo os sinais de envelhecimento e deterioração do papel, ou eventuais rasgos e manchas. As dimensões dos excertos utilizados foram alteradas digitalmente, para facilitar o acompanhamento da exposição pelo espectador e garantir a qualidade estética da composição.

Este roteiro é uma versão impressa, adaptada para o formato específico deste trabalho, em folha A4 de orientação vertical. Para tanto, tornou-se necessária uma redistribuição das imagens e textos em cada quadro, bem como a alteração de suas dimensões. Porém, as informações e componentes de cada quadro foram mantidas, incluindo seus títulos temáticos, preservando-se a lógica narrativa da exposição³³.

Ficha Técnica:

Curadoria: Iuri Bauler Pereira

Orientação: Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt

Fotografias: Lucas Martins de Mello

Tratamento digital: Pedro Bosak Guazzelli

Montagem: Equipe Navisual (UFRGS)

Acervo: Centro de Documentação Social (CDS/NPH)

Jornais utilizados (em ordem alfabética): ABCD jornal (São Bernardo do Campo-SP)³⁴ ; Amanhã (São Paulo-SP); Coojornal (Porto Alegre-RS); Em Tempo (São Paulo-SP); Movimento (São Paulo-SP); O Trabalho (São Paulo-SP); Pasquim (Rio de Janeiro-RJ); Repórter (Rio de Janeiro-RJ); Versus (São Paulo-SP).

³²Agradeço aos responsáveis pela galeria Olho Nu pelo espaço cedido.

³³Para a análise da versão final da exposição, ver: “**1978: um ano, muitos tempos - exposição digital**”, disponibilizada no CD em anexo a este texto.

³⁴Não há exemplares de 1978 deste jornal, mas utilizarei ele por sua importância histórica como veículo de divulgação dos acontecimentos e discursos do ano aqui abordado.

Quadro 1 – 1978: um ano, muitos tempos



“1978”. O que pode significar uma data? Que momento histórico ela condensa em sua simplicidade aritmética? Quais os motivos para lembrá-la ou esquecê-la?

Os acontecimentos de 1978 são considerados um marco na história do Brasil. Marcam a eclosão do “Novo Sindicalismo”: um momento de crescimento das greves e contestações ao regime militar, de redefinição de identidades operárias, de reelaboração de práticas e discursos sindicais. Tendo como marco principal a “Grande Greve” de maio, ocorrida no ABC paulista, esta “nova” forma de atuação dos trabalhadores foi fundamental para a trajetória posterior da esquerda brasileira, pois lançou as bases para a organização do PT e da CUT.

Esta exposição pretende abordar o “novo” sindicalismo através dos discursos textuais e imagéticos veiculados na imprensa alternativa do período, investigando as formas pelas quais estes mobilizaram categorias temporais como passado e futuro, experiência e expectativa, ruptura e novidade, com a finalidade de constituir uma determinada imagem deste momento histórico que hoje, trinta anos depois, desaparece da memória coletiva sob a sombra de 1968.

Exposição baseada no acervo da coleção *imprensa alternativa e sindical* do Centro de Documentação Social (CDS), disponível para pesquisa no Núcleo de Pesquisa em História (NPH) da UFRGS (Endereço: Av. Bento Gonçalves, 9500 - Campus do Vale – UFRGS - Prédio 43311 (IFCH) – sala 214 – Porto Alegre / RS - CEP 91509-900. Fone: (51) 3308 6631. Site: www.ufrgs.br/nph. E-mail: nph@ufrgs.br).

Quadro 2 – o “novo” sindicalismo

**VIRADA DE MESA NA CNTI:
TRABALHADORES
EXIGEM UM NOVO
SINDICALISMO**

O V Congresso Nacional de Trabalhadores nas Indústrias - CNTI - abriu para o sindicalismo brasileiro um momento novo, de transição, apesar dos pelegos. A luta pela autonomia sindical ganha força e se amplia. 54 entidades, representando cerca de 4 milhões de operários, exigiram o fim deste sindicalismo atrelado, através de eleições diretas até para as confederações, voto facultativo e uma data única para as eleições sindicais em todo o Brasil. (Págs. 6/7)



4 EM TEMPO

BALANÇO DE 1978

Zé Pedró de Osasco

O despertar da classe operária

O metalúrgico da
Osasco
Sindicato de Osasco
faz um balanço
do movimento operário
em 1978
e vê o ano seguinte
com mais otimismo.

"Contra a estrutura sindical"

Quadro 3 – “Quando novos personagens entraram em cena”



“A novidade eclodida em 1978 foi primeiramente enunciada sob a forma de imagens, narrativas e análises referindo-se a grupos populares os mais diversos que irrompiam na cena pública reivindicando seus direitos, a começar pelo primeiro, pelo direito de reivindicar direitos”

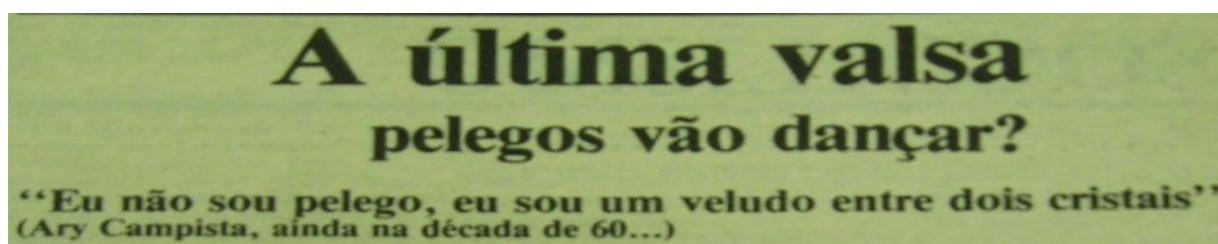
Eder Sader. Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80).

Quadro 4 – O “velho” sindicalismo

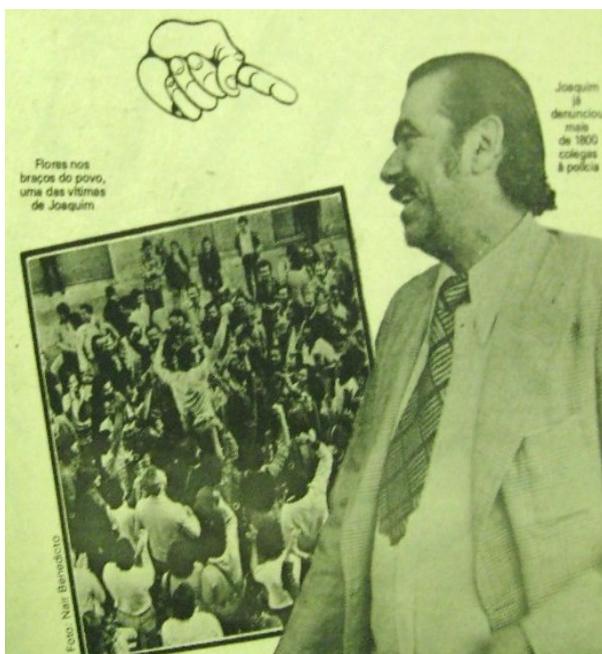


“Não se pode esquecer que identidades coletivas novas se formam a partir de valores e referências culturais tradicionais quer quando os recuperam, quer quando procuram negá-los”

Marcelo Badaró Mattos. Novos e velhos sindicalismos no Rio de Janeiro.



Quadro 5 – Joaquim, o “Judas metalúrgico”



Metalúrgicos em campanha salarial

«Joaquim faz alianças até com o diabo»

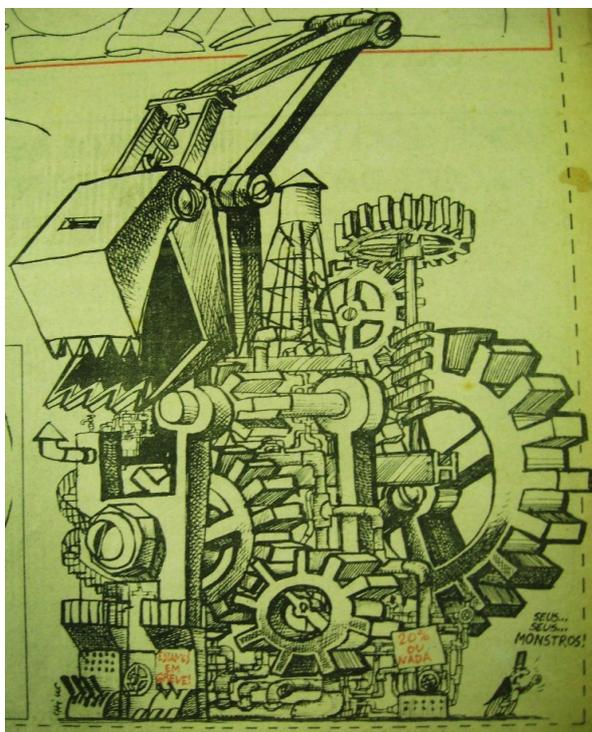
Quadro 6 – As “Grandes Greves”



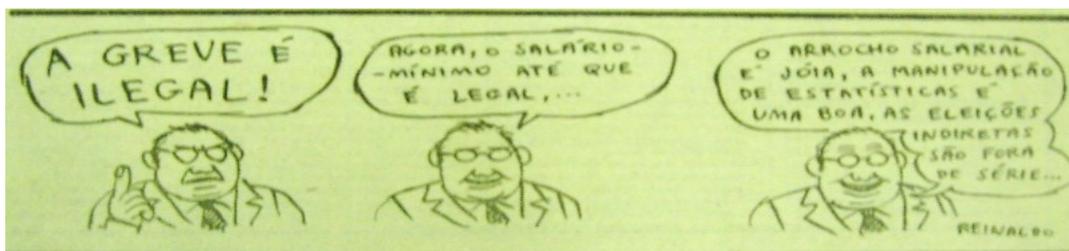
“ Ser novo no sindicalismo era, também e talvez principalmente, fazer greves”

Marcelo Badaró Mattos. Novos e velhos sindicalismos no Rio de Janeiro.

Quadro 7 – As “Grandes Greves” (continuação)



Quadro 8 – Crítica ao regime



Quadro 9 – 1968-1978: Lembranças e esquecimentos

MEMÓRIAS DE MAIO (ao fim de maio)

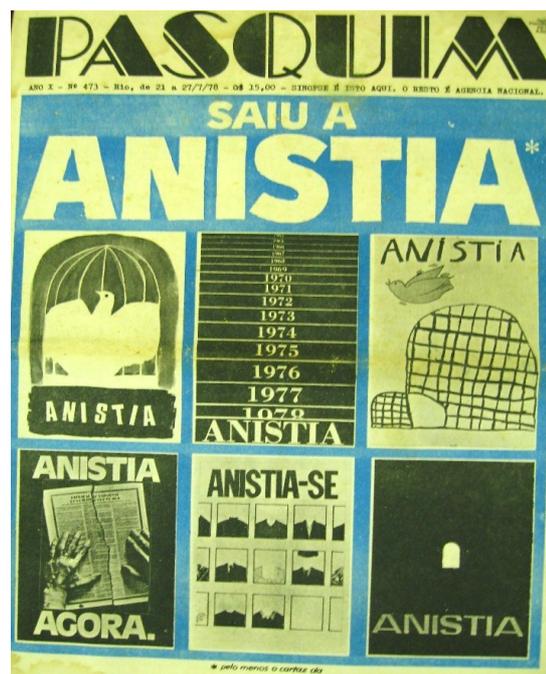
1968: “O primeiro de maio é nosso”



REVOLTA DOS TRABALHADORES EM TODO O MUNDO. ERA 1968

A rebelião que explodiu em 1968 tomou conta das ruas, universidades e fábricas da França, Itália, Tchecoslováquia, Polônia, Iugoslávia, incendiando também vários países da América Latina. As mobilizações expressaram a profunda crise do capitalismo e dos regimes burocráticos da URSS e Europa do Leste. Na França, a greve dos 10 milhões colocou na ordem do dia a questão de quem deveria ocupar o poder, apavorando a classe dominante.

Quadro 10 – Futuros Passados



“E, se no cômputo da experiência subjetiva, o futuro parece pesar aos contemporâneos por ele afetados, é porque um mundo técnica e industrialmente formatado concede ao homem períodos de tempo cada vez mais breves para que ele possa assimilar novas experiências, adaptando-se assim a alterações que se dão de maneira cada vez mais rápida.”

Reinhart Koselleck. Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos.



Quadro 11 – Senhor Presidente (1978-2008)

Fernando Henrique: "É hora de unir"

ELEICOES

Vários líderes sindicais de São Paulo estão dispostos a trabalhar efetivamente pela eleição de Fernando Henrique Cardoso (MDB-SP), ao Senado. O Lula, de São Bernardo, é um deles.

Apesar dos contratempos que está enfrentando devido ao pedido de impugnação de sua candidatura, feita na quarta-feira passada pelo Procurador do Tribunal Regional Eleitoral, o sociólogo e candidato a senador pelo MDB de São Paulo, Fernando Henrique Cardoso, decidiu não alterar os rumos de sua campanha. E já tem definido em sua agenda o que fará durante o próximo mês de outubro, das 5 às 8 horas da manhã. Juntamente com líderes sindicais paulistas, como o Lula, dos Metalúrgicos de São Bernardo, e Benedito Marcilio, de Santo André, Fernando Henrique estará nas portas das fábricas, debatendo com os operários temas como autonomia sindical, direito de greve e salários.

Essa é mais uma etapa da campanha do candidato junto a setores populares, melhor delineada nos últimos dias de agosto, com a assinatura de uma carta de princípios com a democracia, com os interesses populares. Há uma união grande de pessoas que têm divergências entre si, mas que estão de acordo com certas coisas, como as lideranças sindicais mais combativas, setores do Movimento do Custo de Vida, das classes médias. É preciso transformar todo esse apoio em voto. Temos que fazer um esforço enorme, vencer com a garganta e a coragem. Os resultados que têm aparecido aí são surpreendentemente positivos - em lugares onde nunca fui, eu tenho votação.

M - Como foi feito esse acordo com os sindicatos?

FHC - Foi procurado pelo Lula, mesmo antes da convenção, porque ele tinha lido meus artigos, me ouvido falar, e achava que era o momento de mudar, pois estava cansado de gente que se dava o título de senador dos trabalhadores. A partir daí, tivemos várias reuniões com líderes sindicais e fizemos uma carta



Fernando Henrique e Lula, juntos por uma mudança a favor dos marginalizados".

PASQUIM

ANO IX - N° 456 - Rio, de 26 a 31/3/78 - Cr\$ 10,00

UM NÚMERO INTEIRAMENTE ATÍPICO

DE SÃO PAULO PARA O BRASIL

ENTREVISTA COM **LULA**

O LÍDER METALÚRGICO

SALÁRIO-MÍNIMO É ISSO AÍ!

ENTREVISTA EM NINA BOZZOLA

ETA FERRO



Lula, o metalúrgico, mete bronca:

QUAL A CLASSE BRASILEIRA QUE É CONSCIENTE?

Arvin Brandão — O que é a liberdade sindical pra você?

LULA — É impossível imaginar um texto como o nosso, criado por um ano pela necessidade de agrupar milhares dentro de estruturas que permitam manipular uma minoria que os dirigentes sindicais, Sindicato e seu sentido deve ser criado pela vontade da classe trabalhadora. Os líderes é que devem criar seu texto e serem os únicos responsáveis sua manutenção financeira.

Ar — Acabando com o Imposto IRRF?

LULA — Sim, os trabalhadores devem sentir responsabilidade. Se precisarem e até 10 dias de trabalho que paguem pra ter um sindicato forte e atuante, e só vai acontecer quando o trabalhador tiver garantia de emprego, sabe, é muito difícil para um trabalhador alguma coisa pelo sindicato porque ninguém trabalha.

Ar — O que seria "garantia de emprego"?

LULA — Não é aquilo que tínhamos anos atrás, aquela estabilidade aos anos de serviço. Aquilo era muito ruim porque o trabalhador dificilmente dá mais de 10 anos.

Ar — Era demitido com nove.

LULA — A estabilidade pra mim tem que ser a partir do primeiro dia que o trabalhador entra no emprego; pra ser demitido embora tem que ter um motivo e sua dispensa tem que ser julgada por um comitê paritário de empresa.



Foto de PAULO CEBALDES

A empresarial, que tem consciência de que é preciso ter lucro explorando a classe trabalhadora

Quadro 12 – Encerramento



Ficha Técnica:

Curadoria: Iuri Bauler Pereira

Orientação: Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)

Fotografias: Lucas Martins de Mello

Montagem: Equipe Navisual (UFRGS)

Acervo: Centro de Documentação Social (CDS/NPH)

Jornais utilizados (em ordem alfabética):

ABCD jornal (São Bernardo do Campo-SP)

Amanhã (São Paulo-SP)

Coojornal (Porto Alegre-RS)

Em Tempo (São Paulo-SP)

Movimento (São Paulo-SP)

O Trabalho (São Paulo-SP)

Pasquim (Rio de Janeiro-RJ)

Repórter (Rio de Janeiro-RJ)

Versus (São Paulo-SP)

Índice de imagens da exposição

Quadro 1: Em Tempo, São Paulo, janeiro de 1979.

Quadro 2: “Trabalhadores exigem um novo sindicalismo” - Em Tempo, agosto de 1978.

“O despertar da classe operária” - Em Tempo, janeiro de 1979.

“Contra a estrutura sindical” - Coojornal, junho de 1978.

Quadro 3: Movimento, setembro de 1978.

Quadro 4: “Num país de pelegos...” - Em Tempo, julho de 1978.

“Contra o pelego e a polícia” - Em Tempo, dezembro de 1978.

“A última valsa” - Versus, setembro de 1978.

Quadro 5: “Joaquim Pelego” - Amanhã, maio de 1978.

“Joaquim, o pelego” (foto) – O Trabalho, junho de 1978.

“Marmelada metalúrgica” (charge) - Em Tempo, dezembro de 1978.

“Joaquim faz alianças até com o diabo” - ABCD Jornal, outubro de 1979.

Quadro 6: Em Tempo, maio de 1978.

Quadro 7: “1º de maio” - O Trabalho, maio de 1978.

“Seus...monstros” (charge) – Movimento, julho de 1978.

“É a greve geral” - O Trabalho, outubro de 1978.

Quadro 8: “Já encheu o saco” - Repórter, julho de 1978.

“Liberdades democráticas” (charge) – Movimento, setembro de 1978.

“A greve é ilegal” (quadrinhos) – Pasquim, maio de 1978.

“A ditadura pede socorro” - O Trabalho, janeiro de 1979.

Quadro 9: “1968 - 1 de maio – 1978” - O Trabalho, maio de 1978.

“O primeiro de maio é nosso!” - Amanhã, maio de 1978.

“Memórias de maio...” - Pasquim, maio de 1978.

“Revolta dos trabalhadores...” - O Trabalho, junho de 1978.

Quadro 10: Pasquim, julho de 1978.

Versus, novembro de 1978.

“25ª hora das ditaduras...” - Versus, julho de 1978.

Quadro 11: Capa e “Lula, o metalúrgico, mete bronca...” - Pasquim, março de 1978.

“Fernando Henrique: é hora de unir” - Movimento, setembro de 1978.

Quadro 12: “Aqui ó, 78” e “Aí vem 1979” – Pasquim, dezembro de 1978.

3. Instrumento de Pesquisa

Visando reforçar o vínculo entre a exposição e o acervo do CDS, apresento a seguir um instrumento de pesquisa, com informações sobre os periódicos disponíveis para o ano de 1978 pertencentes à coleção *imprensa alternativa e sindical*, que foram utilizados na composição da mostra.

A terminologia utilizada para este instrumento de pesquisa não está privada de controvérsias e debates arquivísticos. Não há na Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE)³⁵ uma definição precisa para um instrumento de pesquisa “auxiliar” a uma exposição, tampouco para o recorte específico aqui proposto: séries periódicas (jornais) pertencentes a uma sub-coleção (imprensa alternativa e sindical) selecionadas por um critério temporal (1978).

A utilização do termo *catálogo seletivo*³⁶ foi descartada, pois demandaria a descrição por unidade seguindo as normas técnicas da arquivística, bem como uma maior abrangência de fundos ou arquivos consultados, opções que se afastariam da proposta de divulgar o acervo através da contextualização da exposição, bem como das possibilidades de realização deste trabalho em tempo hábil. O termo *guia de fontes* também não é plenamente aplicável, visto que a escolha temática do instrumento organizado não segue um critério definido por “tema de pesquisa”, mas por datação. Optei, portanto, por utilizar a terminologia *catálogo da exposição*, por ser um instrumento de pesquisa “auxiliar” à exposição elaborada, limitado pelo recorte e temário desta, com a função de instrumentalizar e estimular a pesquisa no acervo, bem como garantir o acesso às fontes da mostra³⁷. Este tipo de catálogo, menos formalizado arquivisticamente, insere-se na categoria *outros instrumentos de pesquisa* da NOBRADE.

O termo *catálogo* foi utilizado, sem especial preocupação com normatizações, no *Catálogo da imprensa alternativa e episódica do Brasil*, organizado pela Associação Brasileira de Imprensa em 1979³⁸. Esta publicação apresenta uma lista dos jornais – ainda em circulação ou recentemente fechados, na época - e seus endereços editoriais, e apesar de não conter maiores informações ou uma preparação rigorosa, serviu de fonte fundamental para a elaboração do instrumento de pesquisa aqui apresentado por sua proximidade temporal com o período abordado neste trabalho.

É também importante destacar como modelo o *Guia para o estudo da imprensa periódica*

³⁵ Conselho Nacional de Arquivos (Brasil). **NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006. Ver também Arquivo Nacional (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: O Arquivo, 2005. (Publicações técnicas-AN, n. 51)

³⁶ Um catálogo seletivo ou repertório “toma por unidade documentos previamente selecionados, pertencentes a um ou mais fundos ou arquivos, segundo critério temático”. Associação dos Arquivistas Brasileiros. **Dicionário de Terminologia Arquivística**. AAB/Núcleo Regional de São Paulo. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1996.

³⁷ Agradeço aqui à arquivista Karine Georg Dressler e à historiadora e técnica em cultura Silvia Rita Moraes Vieira, do Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho, pelo auxílio e debate na definição desta terminologia.

³⁸ Associação Brasileira de Imprensa. **Catálogo da imprensa alternativa e episódica do Brasil**. Rio de Janeiro: ABI, 1979. 55 páginas.

*dos trabalhadores do Rio Grande do Sul (1874-1940)*³⁹, organizado por Silvia Petersen, que apesar da maior abrangência de acervos consultados, guarda aproximações documentais e temáticas com o que me proponho a realizar aqui.

Como modelo de estruturação e apresentação das informações, utilizei a publicação de divulgação, *Acervo: Hemeroteca*, do Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho, sobretudo por representar o tipo de instrumento de pesquisa menos formalizado arquivisticamente, mais voltado para a divulgação e contextualização geral, semelhante ao que eu procurei efetuar neste trabalho.

As informações que embasaram este catálogo foram retiradas da pesquisa na bibliografia sobre imprensa alternativa, listada no final deste trabalho - em especial o já citado *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*, de Bernardo Kucinski, referência obrigatória para o tema⁴⁰ - bem como da pesquisa nos próprios periódicos utilizados. As informações catalográficas (localização, séries disponíveis, local de publicação) estão de acordo com os critérios da base de dados do acervo CDS, disponível online no site do NPH, como já citado.

Jornais catalogados (em ordem alfabética):

Amanhã (São Paulo-SP)

Coojornal (Porto Alegre-RS)

Em Tempo (São Paulo-SP)

Movimento (São Paulo-SP)

O Trabalho (São Paulo-SP)

Pasquim (Rio de Janeiro-RJ)

Repórter (Rio de Janeiro-RJ)

Versus (São Paulo-SP)

³⁹PETERSEN, S. R. F. . **Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul (1874-1940)**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1989. 104 páginas.

⁴⁰KUCINSKI, op. Cit. Para a referência completa deste e de outras fontes ver bibliografia.

Ficha do Catálogo da Exposição (modelo)

Nome do jornal: título do periódico, constando o subtítulo.

Período de Circulação: datas de fundação e fechamento.

Local de Publicação: município indicado no editorial do jornal como sede original.

Periodicidade: frequência de publicação (diária, semanal, mensal, bimestral)

Formato: do suporte físico do periódico (tablóide, standard, berliner)

Histórico: trajetória do jornal, com possíveis interferências político-partidárias, da sua fundação ao seu fechamento.

Linha editorial: resumo dos principais temas e/ou correntes ideológicas apresentados no jornal, bem como características específicas de diagramação, estética ou colaboradores.

Série disponível (CDS): período completo disponível na coleção do CDS.

Série disponível - ano de 1978 (CDS): edições do ano de 1978 existentes na coleção do CDS.

Localização (CDS): indica localização física no CDS/NPH.

Catálogo da Exposição

Nome do Jornal: Amanhã – um semanário de hoje

Período de Circulação: 1977-1978

Local de Publicação: São Paulo, SP

Periodicidade: semanal

Formato: standard

Histórico:

Este efêmero periódico, homônimo do influente *Amanhã* (1967) editado por Raimundo Pereira, foi fundado por dissidentes do jornal *Movimento* que optaram por não participar do outro semanário decorrente desta mesma dissidência, o *Em Tempo*. A bibliografia sobre a trajetória do periódico é escassa, não restando maiores informações sobre o fim do jornal.

Linha editorial:

Voltado para os assuntos dos trabalhadores, sobretudo na divulgação do “novo” sindicalismo, tem entre seus temas principais a política sindical e as mobilizações de trabalhadores. Apresenta slogans marcantes nas manchetes.

Série disponível(CDS): 1977-1978

Série disponível - ano de 1978 (CDS): n.º.0, 1.

Localização (CDS): 1A

Nome do Jornal: Coojornal

Período de Circulação: 1975- 1983

Local de Publicação: Porto Alegre, RS

Periodicidade: mensal

Formato: tablóide

Histórico:

Periódico criado pela Cooperativa dos Jornalistas do Rio Grande do Sul (Coojornal), teve inúmeros colaboradores durante sua trajetória, dentre eles famosos jornalistas, escritores e humoristas gaúchos. Inicialmente um jornal local, ganhou certa notoriedade nacional, sendo citado em inúmeros trabalhos acadêmicos. Inicialmente um órgão coletivo, passou por períodos de maior centralização administrativa e editorial. As prisões de membros da redação envolvidos com denúncias de crimes do regime militar acabaram por desarticular o jornal, em 1983.

Linha editorial:

Abordava inúmeros assuntos, desde futebol até denúncias contra o regime, mas com um foco marcadamente político-social. Apresentava reportagens longas e elaboradas, bem como espaços para humor, onde teve colaboradores como Luís Fernando Veríssimo, Santiago, entre outros. Não era formalmente ligado a nenhuma organização política, mas apresentava perspectivas de esquerda.

Série disponível(CDS): 1977-1982

Série disponível - ano de 1978 (CDS): n°. 14, 15, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28 29, 30, 33.

Localização (CDS): 1B

Catálogo da Exposição

Nome do Jornal: Em Tempo

Período de Circulação: 1977- 2008

Local de Publicação: São Paulo, SP

Periodicidade: semanal

Formato: standard

Histórico:

Fundado em 1977 por dissidentes do *Movimento*, foi um dos periódicos mais expressivos do período, alcançando tiragem nacional. Ligado majoritariamente à Organização Revolucionária Marxista – Democracia Socialista (ORM-DS), teve papel fundamental na divulgação dos movimentos grevistas do novo sindicalismo, e na criação do Partido dos Trabalhadores.

Tornou-se, a partir dos anos 1980, órgão oficial da tendência Democracia Socialista do PT. Sofreu após isso uma série de mudanças, inclusive de formato, e alguns períodos de inatividade. Continua existente como um “boletim” da Democracia Socialista.

Linha editorial:

Marcado pela cobertura das mobilizações do ABC paulista, pela crítica ao regime e pelas denúncias de torturadores, foi um dos periódicos símbolo da esquerda brasileira. De estilo sóbrio, com pouco espaço para charges ou espaços humorísticos, é marcado pelas capas impactantes (fotografias e ilustrações). Sua linha político-ideológica tendia para o trotskismo, cristalizando-se após tornar-se veículo de informação da Democracia Socialista. Tem atuação marcante na divulgação do “novo” sindicalismo e das propostas de criação do PT.

Série disponível(CDS): 1978-1995

Série disponível - ano de 1978 (CDS): n°.11-22; 25-30; 32-28; 41, 43.

Localização (CDS): 1C

Nome do Jornal: Movimento

Período de Circulação: 1975-1981

Local de Publicação: São Paulo, SP

Periodicidade: semanal

Formato: tablóide

Histórico:

Fundado por dissidentes do jornal *Opinião*, liderados por Raimundo Pereira, o periódico se caracterizou por ser um jornal político voltado para a classe trabalhadora, e gerido por um coletivo de 200 acionistas. Foi duramente perseguido pela censura, que vetou entre 1975 e 1978 mais de 3 mil artigos e ilustrações do jornal.

Seu fechamento em 1981 se deveu principalmente aos problemas financeiros do jornal, motivados também por perdas significativas nos números de vendas após uma série de atentados a bancas que vendiam publicações alternativas.

Linha editorial:

De cunho eminentemente político, *Movimento* caracterizou-se pela crítica ferrenha ao regime, a tortura e a condição dos trabalhadores. Foi planejado como um jornal voltado também para a classe trabalhadora. A constante censura das matérias interferiu por muito tempo na edição do jornal, que a partir do fim da censura prévia passou a apresentar denúncias mais veementes da tortura e da repressão governamental.

Série disponível(CDS): 1977-1981

Série disponível - ano de 1978 (CDS): n°.131, 154, 155, 157, 158, 163, 166, 167, 172, 173, 176, 177, 179-181.

Localização (CDS): 2A

Catálogo da Exposição

Nome do Jornal: O Trabalho

Período de Circulação: 1978 - 2008

Local de Publicação: São Paulo, SP

Periodicidade: semanal

Formato: standard

Histórico:

Fundado em 1978, ano em que lança sua primeira edição em maio, O Trabalho é um jornal ligado originalmente a corrente trotskista OSI (Organização Socialista Internacionalista) e ao movimento Libelu (Liberdade e Luta). Convertido em corrente homônima ao jornal, a organização ingressou no PT em 1981. Em 1986 a direção decidiu dissolver a corrente e interromper a edição do jornal, mas um grupo de militantes manteve a publicação e a corrente ativa. Em 2006 ocorre outra divisão na corrente, e uma das facções mantém o jornal ainda em atividade.

Linha editorial:

De alinhamento político-ideológico trotskista, o periódico apresenta uma contestação forte ao regime militar e uma postura marcadamente crítica com relação às lideranças do movimento sindical do período.

Série disponível(CDS): 1978-1979

Série disponível - ano de 1978 (CDS): n°. 0, 1, 7, 17, 19, 20, 22.

Localização (CDS): 2E

Catálogo da Exposição

Nome do Jornal: Pasquim

Período de Circulação: 1969-1988

Local de Publicação: Rio de Janeiro, RJ

Periodicidade: semanal

Formato: tablóide

Histórico:

Fundado em 1969 por iniciativa do publicitário Murilo Pereira Reis, após o fechamento de seu antigo semanário *A Carapuça*, O Pasquim foi um dos jornais de maior expressão da imprensa alternativa brasileira. Fizeram parte de sua redação alguns dos maiores jornalistas, cartunistas e chargistas do período, como Sérgio Cabral, Millôr Fernandes, Ziraldo, Jaguar, Henfil, Paulo Francis, entre outros.

Nos primeiros anos após sua fundação tornou-se um fenômeno de vendas, alcançando a tiragem de 225 mil exemplares. A partir de 1970 a censura prévia passou a atuar com mais veemência no controle do jornal - inclusive prendendo parte da redação em 1971 - situação que durou até 1975.

Em seus quase vinte anos de existência, o periódico passou por diversos conflitos internos e dissidências, sendo por fim vendido em 1988 para o empresário e antigo colaborador João Carlos Rabelão.

Linha editorial:

Baseava-se no uso do humor como crítica ao regime militar e aos costumes da classe média, tendo ficado famoso por suas capas irreverentes, linguagem coloquial e entrevistas realizadas em grupo, como um bate-papo. Devido ao perfil de seus colaboradores e redatores, tornou-se um símbolo do humor nacional.

Série disponível(CDS): 1969-1986

Série disponível - ano de 1978 (CDS): n°. 471-471; 477-479; 481, 482, 484, 489, 455, 456, 458-469.

Localização (CDS): 2B

Catálogo da Exposição

Nome do Jornal: Repórter – autônomo e independente

Período de Circulação: 1977- 1980

Local de Publicação: Rio de Janeiro, RJ

Periodicidade: semanal

Formato: tablóide

Histórico:

Efêmero jornal formado por um coletivo de jornalistas, não estava articulado com nenhum movimento político específico, mas apresentava uma postura de crítica ao regime, que lhe rendeu problemas com a censura. Foi um dos periódicos que desapareceu após os alguns atentados a bancas de revista que os distribuía.

Linha editorial:

Apresenta grande quantidade de matérias sobre a grande imprensa e sobre jornalismo em geral, utilizando uma linguagem bem-humorada, embora as vezes virulenta. Divulga uma série de denúncias de corrupção, censura, repressão, violência e pobreza - motivo pelo qual teve números apreendidos, como o n.º 5 - por vezes lançando mão do humor negro e de escritas pouco convencionais.

Série disponível(CDS): 1978-1979

Série disponível - ano de 1978 (CDS): n.º. 6, 8, 11, 14.

Localização (CDS): 4B

Catálogo da Exposição

Nome do Jornal: Versus – um jornal de aventuras, idéias, reportagens e cultura

Período de Circulação: 1975-1979

Local de Publicação: São Paulo, SP

Periodicidade: Mensal

Formato: Tablóide

Histórico:

Fundado pelo jornalista Marcos Faerman, era editado por um coletivo de jornalistas, militantes de esquerda, escritores e intelectuais. Em seu auge chegou a ter tiragens de 35 mil exemplares. Em 1978, Marcos Faerman e vários colaboradores abandonaram o jornal por divergências internas com membros da corrente política Convergência Socialista, que assumiu o periódico até sua extinção em 1979.

Linha editorial:

Destacava-se por seguir uma linha cultural e vanguardista, marcada por influências do *new journalism*, artes plásticas e realismo fantástico. A temática principal era a América Latina, com um foco especial na literatura, nas artes e na cultura de esquerda. Eduardo Galeano e Gabriel Garcia Marquez foram colaboradores.

Com a saída de parte de seu corpo editorial, o jornal assume um discurso mais político-ideológico, tornando-se veículo de informação da corrente trotskysta Convergência Socialista.

Série disponível(CDS): 1977-1978

Série disponível - ano de 1978 (CDS): n°.18, n°.20-27

Localização (CDS): 2E

4. Bibliografia

ANTUNES, Ricardo. **A rebeldia do trabalho**: o confronto operário no ABC paulista: as greves de 1978-80. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1988.

_____. **O novo sindicalismo no Brasil**. Campinas: Pontes, 1995.

AARÃO, Daniel; RIDENTI, Marcelo; et. alli. **O golpe e a ditadura militar**: quarenta anos depois (1964-2004). Bauru: EDUSC, 2004.

ARAÚJO, Silvia & CARDOSO, Alcinda. **Jornalismo e militância operária**. Curitiba: UFPR, 1992.

ARTURI, Carlos Schmidt. Transição política e consolidação da democracia: notas a partir da experiência brasileira. In: **Política e cultura** : visões do passado e perspectivas contemporâneas. São Paulo : Anpocs, 1996. p. 142-167

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Imprensa. **Catálogo da imprensa alternativa e episódica do Brasil**. Rio de Janeiro: ABI, 1979.

ASSOCIAÇÃO dos Arquivistas Brasileiros. **Dicionário de Terminologia Arquivística**. AAB/Núcleo Regional de São Paulo. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1996.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

BAXANDALL, Michael. **Padrões de Intenção**: a explicação histórica dos quadros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BERGER, Christa. **Panorama bibliográfico da pesquisa em comunicação popular e alternativa no Brasil**. Porto Alegre: CB, 1980.

BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

CAPARELLI, Sergio. **Comunicação de massa sem massa**. São Paulo: Summus, 1986.

_____. **Imprensa alternativa, nanica, independente**. Oitenta. Porto Alegre, n. 3 (1980), p. 99-120

_____. A imprensa alternativa revisitada. *Revista de Biblioteconomia & Comunicação*. Porto Alegre, Vol. 3 (jan./dez. 1988), p. 7-16.

CARDOSO, Ciro Flamarion & MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHINEM, Rivaldo. **Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação**. São Paulo: Ática,

1995.

BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

BRASIL. Arquivo Nacional. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: O Arquivo, 2005.(Publicações técnicas-AN, n. 51)

COSTA, Helouise. Da fotografia de imprensa ao fotojornalismo. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*. Vol. 6, n.1-2 (jan/dez. 1993). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1993.

DINIZ, Eli . Empresariado, Regime Autoritário e Modernização Capitalista: 1964-1985. In: SOARES, Glaucio A. Dillon; D'ARAÚJO, Maria Celina. (Org.). **21 Anos de Regime Militar: Balanço e Perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994, v. , p. 198-231

ESPERANÇA, Clarice Gontarski. Testemunhas ou fontes: relações e desencontros entre jornalistas e historiadores. *Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS*. Porto Alegre Vol. 12, n.2 (jul./dez. 2006), p. 235-251.

_____. **A greve da oficina de chumbo: o movimento de resistência dos trabalhadores da Empresa Jornalística Caldas Junior (Porto Alegre, 1983-1984)**. Porto Alegre: PPG em História (dissertação de Mestrado), UFRGS, 2007

ESSUS, Ana Maria Mauad de Souza Andrade. "O Olho da História". Análise da imagem fotográfica na construção de uma memória sobre o conflito de Canudos. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*. Vol.6, n.1-2 (jan/dez. 1993). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1993.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

FERNANDES, Ananda Simões. A reação da imprensa alternativa brasileira à censura durante os "anos de chumbo" (1969-1974) : o caso do semanário O Pasquim. In: WASSERMAN, Claudia, GUAZZELLI Cesar Augusto Barcellos. (Org.). **Ditaduras militares na América Latina**. Porto Alegre : Ed. da UFRGS, 2004. p. 195-204

FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa Operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1988.

FICO, Carlos. A pluralidade das censuras e das propagandas da ditadura. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Daniel; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Org.). **O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964-2004)**. Bauru: Edusc, 2004, v. 1, p. 265-275.

_____. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves . (Org.). **O Brasil republicano: o tempo da ditadura. Regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v. 4, p. 167-205.

_____. **Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **Como eles agiam.** Os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e polícia política. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FREDERICO, Celso. **A esquerda e o movimento operário 1964-1984**; vol.3, A Reconstrução. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

FUGUERAS, Ramón Alberch & MUNDET, José Ramón Cruz. **Archívese!** Los documentos del poder, el poder de los documentos. Madrid: Alianza, 1999.

GASKELL, Ivan. História das imagens. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

GENTILLI, Victor. O jornalismo brasileiro do AI-5 à distensão: "milagre econômico", repressão e censura. *Estudos em Jornalismo e Mídia: revista acadêmica semestral*. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC. Florianópolis, Vol. 1, n. 2 (2004), p. 87-99.

GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas:** a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: Ática, 1990.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____. A testemunha e o historiador. In: PESAVENTO, Sandra (org). **Fronteiras do Milênio.** Porto Alegre: UFRGS, 1999.

HOBSBAWM, E. J. **Mundos do trabalho:** novos estudos sobre história operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KOSELLECK, Reinhardt. **Crítica e Crise:** uma contribuição à patogênese do mundo burguês. Rio de Janeiro: EDUERJ/Contraponto, 1999.

_____. **Estratos del tiempo: estudios sobre la historia.** Barcelona: Paidós, 2001.

_____. **Futuro Passado.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

_____. **historia/Historia.** Madrid: Minima Trotta, 2004.

KOSSOY, Boris. Estética, memória e ideologia fotográficas. Decifrando a realidade interior das imagens do passado. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*. Vol.6, n.1-2 (jan/dez. 1993). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1993.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários:** nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta, 1991.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988.** São Paulo: Boitempo, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990.

MATTOS, Marcelo Badaró. As greves na trajetória da classe trabalhadora brasileira. In: **IV**

Jornadas do GT Mundos do Trabalho - RS, 2007, Pelotas. A pesquisa do trabalho - 1917, noventa anos da Revolução Russa e das Greves Gerais no Brasil. Pelotas : UFPEL, 2007. p. 422-439.

_____. **Novos e velhos sindicalismos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). *Anais do Museu Paulista*. V.1. São Paulo: Editora da USP, 1993.

_____. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do Museu Paulista*. V.2. São Paulo: Editora da USP, 1994.

MICOLLIS, Leila. **Do poder ao poder**. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

MIGUEL, Maria Lúcia Cerutti. A Fotografia como documento. Uma instigação à leitura. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*. Vol.6, n.1-2 (jan/dez. 1993). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1993.

MOREIRA ALVES, Maria Helena. **Estado e oposição no Brasil (1964-1985)**. Bauru: Edusc, 2005.

PASQUIM. **Antologia**. Rio de Janeiro: Desiderata, 2006.

PETERSEN, S. R. F. . **Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul (1874-1940)**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1989.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **A revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil**. São Paulo: Brasiliense 1990.

RIBEIRO, Jose Luiz. **Como falam as esquerdas**. Porto Alegre, RS: Intermédio, 1981.

RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: UNESP,1993

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SANTANA, Marco Aurélio. Política e História em disputa: o “novo sindicalismo” e a idéia de ruptura com o passado. In: RODRIGUES, Iram Jacome (org.). **O novo sindicalismo – vinte anos depois**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Trabalhadores em movimento: o sindicalismo brasileiro nos anos 1980 – 1990**. FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs) O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, O Brasil Republicano, vol 4.

SCHERER, Cassiano. **Utopia e desencanto : trajetória dos jornalistas na imprensa alternativa gaúcha**. In: Estudos em Jornalismo e Mídia : revista acadêmica semestral. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC. Florianópolis Vol. 2, n. 1 (2005), p. 147-160

SILVA, André Luis Corrêa da. **"João Ferrador na República de São Bernardo"**: o impacto do "novo" movimento sindical do ABC paulista no processo de transição democrática (1977-1980). Porto Alegre: PPG em Sociologia (Dissertação de mestrado), UFRGS, 2006.

SUSSEKIND, Flora. **Literatura e vida literária : polêmicas, diários & retratos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

VIANNA, Luiz Werneck. **A classe operária e a Abertura**. São Paulo: Cerifa, 1983.

1978: um ano, muitos tempos

Artigos de
Antonio Carlos Felix Nunes,
Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo
e Luiz Eduardo Greenhalg.

EM TEMPO:
SEMANÁRIO NACIONAL — Cr\$ 15,00 — ANO 2 — Nº 44 — DE 28/12 A 3 DE JANEIRO



**1978: O ANO
QUE ROUBOU
O SONO DOS
DITADORES.**

Brasil, balanço político. Greves, passeatas, assembléias, concentrações, eleições.
O movimento operário e popular avançou, e muito, nas conquistas democráticas,
agravando a crise do regime militar.
O que será de 1979? O fim da ditadura?
Nesta edição, a primeira parte do balanço do ano. Págs. 3 a 7.

“1978”. O que pode significar uma data? Que momento histórico ela condensa em sua simplicidade aritmética? Quais os motivos para lembrá-la ou esquecê-la?

Os acontecimentos de 1978 são considerados um marco na história do Brasil. Marcam a eclosão do “Novo Sindicalismo”: um momento de crescimento das greves e contestações ao regime militar, de redefinição de identidades operárias, de reelaboração de práticas e discursos sindicais. Tendo como marco principal a “Grande Greve” de maio, ocorrida no ABC paulista, esta “nova” forma de atuação dos trabalhadores foi fundamental para a trajetória posterior da esquerda brasileira, pois lançou as bases para a organização do PT e da CUT.

Esta exposição pretende abordar o “novo” sindicalismo através dos discursos textuais e imagéticos veiculados na imprensa alternativa do período, investigando as formas pelas quais estes mobilizaram categorias temporais como passado e futuro, experiência e expectativa, ruptura e novidade, com a finalidade de constituir uma determinada imagem deste momento histórico que hoje, trinta anos depois, desaparece da memória coletiva sob a sombra de 1968.

Exposição baseada no acervo da coleção *imprensa alternativa e sindical* do Centro de Documentação Social (CDS), disponível para pesquisa no Núcleo de Pesquisa em História (NPH) da UFRGS (Endereço: Av. Bento Gonçalves, 9500 - Campus do Vale UFRGS - Prédio 43311 (IFCH) sala 214 Porto Alegre / RS - CEP 91509-900. Fone: (51) 3308 6631. Site: www.ufrgs.br/nph. E-mail: nph@ufrgs.br).

O despertar da classe operária

S
i
n
d
i
c
a
l
i
s
m
o

VIRADA DE MESA NA CNTI: TRABALHADORES EXIGEM UM NOVO SINDICALISMO

O V Congresso Nacional de Trabalhadores nas Indústrias - CNTI - abriu para o sindicalismo brasileiro um momento novo, de transição, apesar dos pelegos. A luta pela autonomia sindical ganha força e se amplia. 54 entidades, representando cerca de 4 milhões de operários, exigiram o fim deste sindicalismo atrelado, através de eleições diretas até para as confederações, voto facultativo e uma data única para as eleições sindicais em todo o Brasil. (Págs. 6/7)



“Contra a estrutura sindical”

O

“n

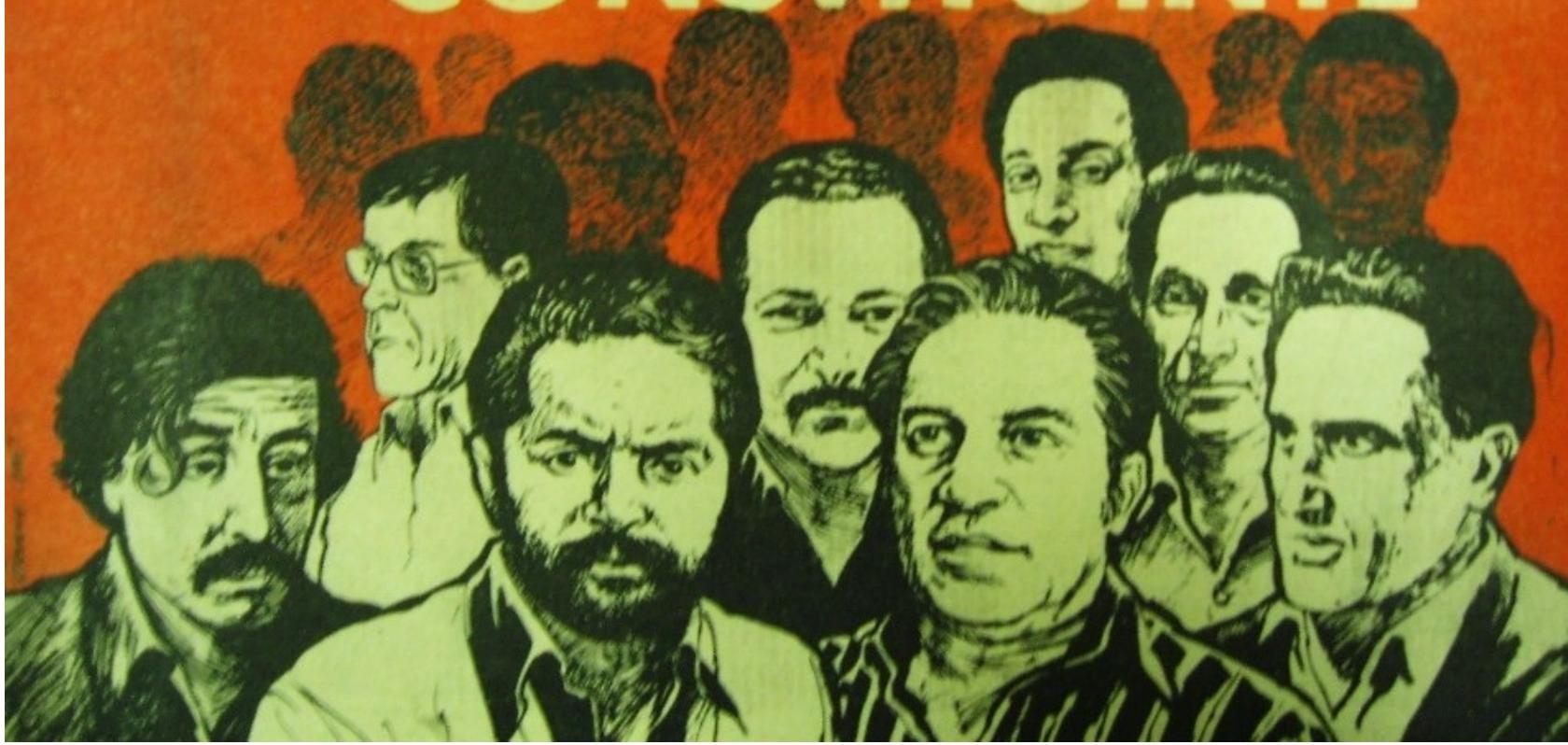
O

V

O”

Quando novos personagens entraram em cena

**TRABALHADORES:
UNIDADE CONTRA
AS REFORMAS E PELA
CONSTITUINTE**



“A novidade eclodida em 1978 foi primeiramente enunciada sob a forma de imagens, narrativas e análises referindo-se a grupos populares os mais diversos que irrompiam na cena pública reivindicando seus direitos, a começar pelo primeiro, pelo direito de reivindicar direitos”

Eder Sader.

Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80).

O velho sindicalismo

Num país de pelegos, o maior deles: Ari Campista.



O repórter fez uma pergunta a um dos pelegos mais antigos do movimento sindical brasileiro, o presidente da CNTI, que congrega oito milhões de trabalhadores. "Ari Campista, que mudanças mais interessariam aos trabalhadores?". E ele respondeu sem vacilar: "Não sei, meu velho, não sei. Já vivi bastante, pra não, me perdoe a expressão, pra não dar palpite!"

“Não se pode esquecer que identidades coletivas novas se formam a partir de valores e referências culturais tradicionais quer quando os recuperam, quer quando procuram negá-los”

Marcelo Badaró Mattos. Novos e velhos sindicalismos no Rio de Janeiro.

Contra o pelego

e a polícia

Em São Paulo, a Oposição Sindical da categoria dos bancários já começou a marcha para as urnas. No programa da Chapa 2, uma definição mais avançada do papel do sindicalismo na conquista da democracia.



A última valsa pelegos vão dançar?

“Eu não sou pelego, eu sou um veludo entre dois cristais”
(Ary Campista, ainda na década de 60...)

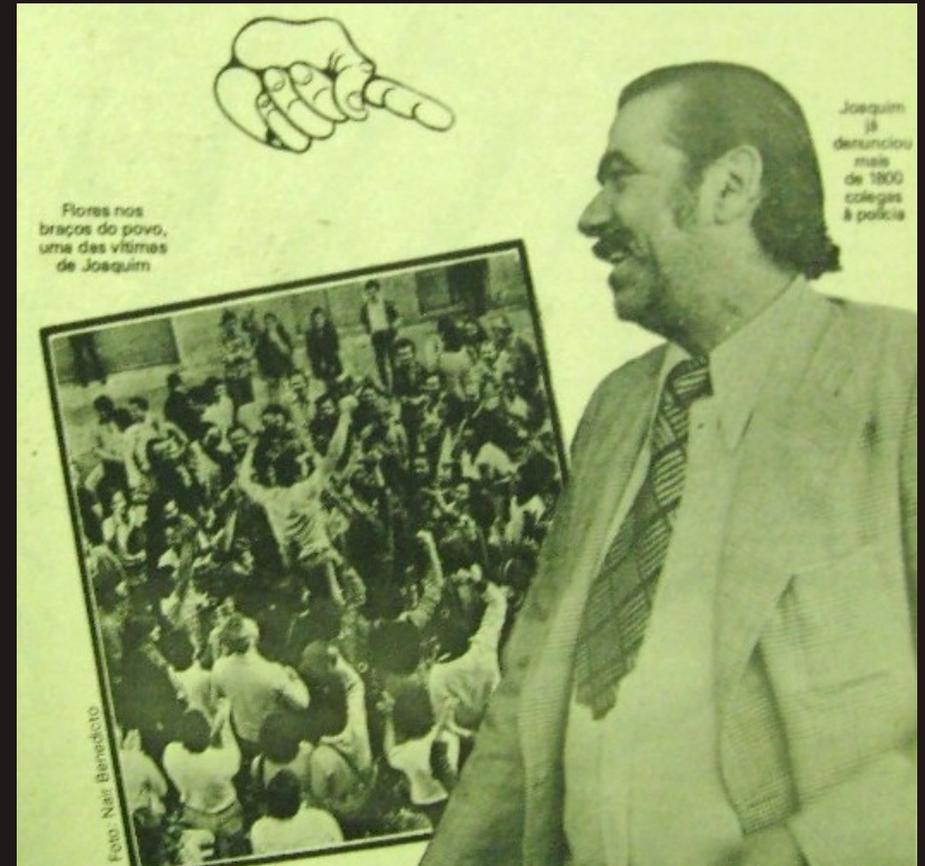
Joaquim, o “Judas metalúrgico”

ELEIÇÕES SINDICAIS
JOAQUIM PELEGO:
Sai do trono ou não sai?



Metalúrgicos em campanha salarial

“Joaquim faz alianças até com o diabo”



As “Grandes Greves”



“Ser novo no sindicalismo era, também e talvez principalmente, fazer greves”

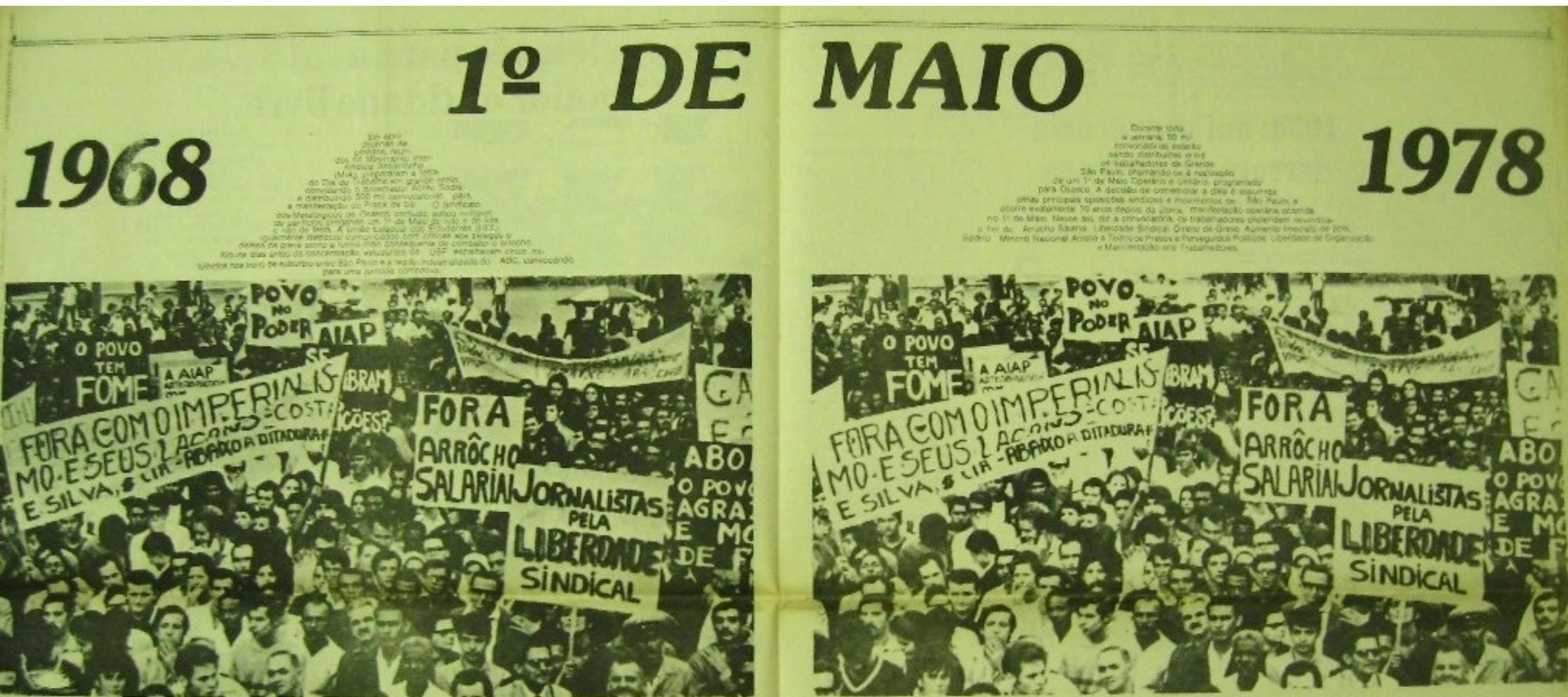
Marcelo Badaró Mattos.

Novos e velhos sindicalismos no Rio de Janeiro

Crítica ao regime



1968-1978: Lembranças e esquecimentos



“O primeiro de maio é nosso”

MEMÓRIAS
DE MAIO
(ao fim de maio)

REVOLTA DOS TRABALHADORES EM TODO O MUNDO. ERA 1968

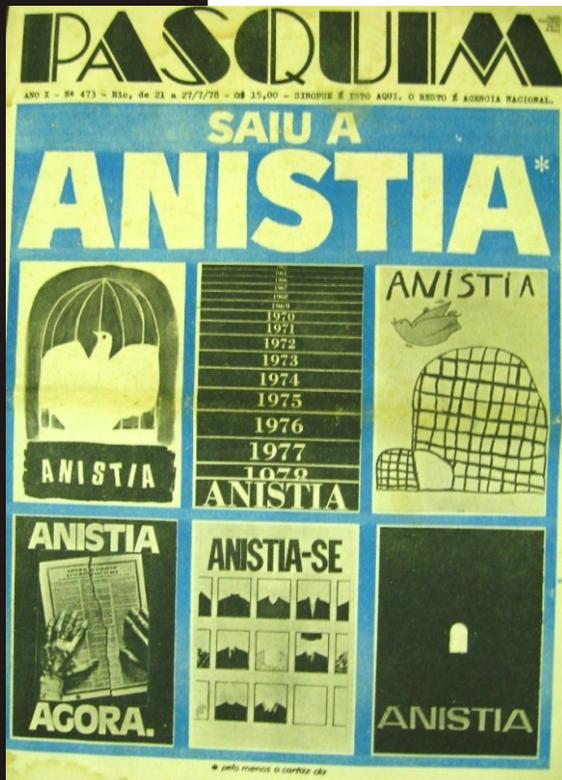
A rebelião que explodiu em 1968 tomou conta das ruas, universidades e fábricas da França, Itália, Tchecoslováquia, Polónia, Iugoslávia, incendiando também vários países da América Latina. As mobilizações expressaram a profunda crise do capitalismo e dos regimes burocráticos da URSS e Europa do Leste. Na França, a greve dos 10 milhões colocou na ordem do dia a questão de quem deveria ocupar o poder, apavorando a classe dominante.

Futuros Passados

“E, se no cômputo da experiência subjetiva, o futuro parece pesar aos contemporâneos por ele afetados, é porque um mundo técnica e industrialmente formatado concede ao homem períodos de tempo cada vez mais breves para que ele possa assimilar novas experiências, adaptando-se assim a alterações que se dão de maneira cada vez mais rápida.”

Reinhart Koselleck.

Futuro Passado. contribuição a semântica dos tempos históricos



Senhor Presidente

PASQUIM
ANO IX — N° 456 — Rio, de 24 a 31/3/78 — Cr\$ 10,00
UM NÚMERO INTEIRAMENTE ATÍPICO

DE SÃO PAULO PARA O BRASIL
ENTREVISTA COM **LULA**
O LÍDER METALÚRGICO

ETA FERRO!
Pelo A

SALÁRIO-MÍNIMO É ISSO AÍ!

Lula, o metalúrgico, mete bronca: QUAL A CLASSE BRASILEIRA QUE É CONSCIENTE?

arwin Brandão — O que é a liberdade sindical pra você?
LULA — É impossível imaginar um sindicato como o nosso, criado por um motivo pela necessidade de agrupar trabalhadores dentro de estruturas que permitam manipular uma minoria que são os dirigentes sindicais. Sindicato ou eu entendo deve ser criado pela necessidade da classe trabalhadora. Os trabalhadores é que devem criar seu sindicato e serem os únicos responsáveis sua manutenção financeira.
arwin — Acabando com o Imposto de Renda?
LULA — Sim, os trabalhadores devem sentir responsáveis. Se precisarem trabalhar até 10 dias de trabalho que paguem pra ter um sindicato forte e atuante, e só vai acontecer quando o trabalhador tiver garantia de emprego, sabe, é muito difícil para um trabalhador



A empresarial,
que tem consciência de que
é preciso ter lucro explorando
a classe trabalhadora

Fernando Henrique: "É hora de unir" ELEIÇÕES

Vários líderes sindicais de São Paulo estão dispostos a trabalhar efetivamente pela eleição de Fernando Henrique Cardoso (MDB-SP), ao Senado. O Lula, de São Bernardo, é um deles.

Apesar dos contratempos que está enfrentando devido ao pedido de impugnação de sua candidatura, feita na quarta-feira passada pelo Procurador do Tribunal Regional Eleitoral, o sociólogo e candidato a senador pelo MDB de São Paulo, Fernando Henrique Cardoso, decidiu não alterar os rumos de sua campanha. E já tem definido em sua agenda o que fará durante o próximo mês de outubro, das 5 às 8 horas da manhã. Juntamente com líderes sindicais paulistas, como o Lula, dos Metalúrgicos de São Bernardo, e Benedito Marçilio, de Santo André, Fernando Henrique estará nas portas das fábricas, debatendo com os operários temas como autonomia sindical, direito de greve e salários.



Fernando Henrique e Lula, juntos por uma mudança a favor dos marginalizados".

metidas com a democracia, com os interesses populares. Há uma união grande de pessoas que têm divergências entre si, mas que estão de acordo com certas coisas, como as lideranças sindicais mais combativas, setores do Movimento do Custo de Vida, das classes médias. É preciso transformar todo esse apoio em voto. Temos que fazer um esforço enorme, vencer com a garganta e a coragem. Os resultados que têm aparecido aí são surpreendentemente positivos - em lugares onde nunca fui, eu tenho votação.
M - Como foi feito esse acordo com os sindicatos?
FHC - Fui procurado pelo Lula, mesmo antes da convenção, porque ele tinha lido meus artigos, me ouvindo falar, e achava que era o momento de mudar, pois estava cansado de gente que se dava o título de senador dos trabalhadores. A partir daí, tivemos várias reuniões com líderes sindicais e fizemos uma car-

1978-2008

1978: um ano, muitos tempos

Curadoria: Iuri Bauler Pereira

Orientação: Prof. Dr. Benito Bisso
Schmidt (UFRGS)

Fotografias: Lucas Martins Mello

Montagem: equipe Navisual (UFRGS)

Acervo: Centro de Documentação
Social (CDS/NPH)



**SERGIO
AUGUSTO**

**AQUI Ô,
78**

1978: ANO DA ABERTURA

1978: ANO DO HOMEM CORDIAL BRASILEIRO

As taboatas e as castanhas ainda estavam sobre a mesa, quando o engenheiro Ricardo Soares Panigato resolveu contar ao Conselho Permanente de Justiça, da 1ª Auditoria de Aeroáulica, como havia sido preso em junho de 1977. Ainda imbuido do espírito natalino, o promotor Gasildo dos Santos Ribeiro levantou o dedo contra o engenheiro e respondeu: "A testemunha está se exibindo. Essa história de vir aqui fazer comício acabou. Não interessa."

Em nossa ilha de paz e cordialidade, o espírito natalino, nota-se, não se contenta com a vigília que lhe dão os calendários. As vozes dura até fevereiro, dependendo, é claro, de quando cai o carnaval e, com ele, as festas dos foliões que fazem asquimó! escondido nos papéis de Minchete. Falando nisso, pouco antes de Beija Flor vencer na Avenida, a Censura Federal impediu que o nome do Ex-presidente Juscelino Kubitschek fosse citado no samba-enredo "Exaltação a Brasília", que a Escola de Samba Unidos

Jornais utilizados

(Em ordem alfabética):

- ABCD jornal (São Bernardo do Campo-SP)
- Amanhã (São Paulo-SP)
- Coojornal (Porto Alegre-RS)
- Em Tempo (São Paulo-SP)
- Movimento (São Paulo-SP)
- O Trabalho (São Paulo-SP)
- Pasquim (Rio de Janeiro-RJ)
- Repórter (Rio de Janeiro-RJ)
- Versus (São Paulo-SP)

